

Loulé no Carnaval
é um oasis de alegria, optimismo
e bom humor

ANO VII — N.º 172

JANEIRO

4

1 9 5 9



QUINZENÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIÃO
Tel. 154 — R. Tenente Valadim, 30 — FARO

DIRECTOR
Jaime Guerreiro Rua

EDITOR E PROPRIETARIO
José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração
GRAFICA LOULETANA
Tel. 216 — R. da Carreira, 42-44 — LOULÉ



ANO NOVO

Segundo o calendário gregoriano, o mundo acaba de entrar em mais um ano da sua existência. Seria curioso fazer um balanço do que foi, nacional ou internacional, para o progresso material ou para a vida espiritual, o ano de 1958.

O ano dos Sputniks e dos foguetões siderais foi, sem dúvida, um ciclo aureo da técnica mas, infelizmente, tudo nos mostra que a felicidade do homem, como tal, continua longe de ser alcançada.

Não será o progresso científico, a criação de melhores condições de vida material, a própria elevação do nível de vida que dará ao pobre criatura humana o sossego e a tranquilidade de espírito de que ela necessita, as possibilidades de viver, não dizem beatificamente, mas de gozar os prazeres inefáveis do Bem, da Beleza e do Amor.

Os melhores espíritos vivem desmorteados, o medo parece ter-se apoderado de muitos fortes e, na defesa do que é justo e recto, os homens por vezes parecem envergonhar-se dos seus próprios sentimentos, outras vezes agem na vida em franca e nítida oposição aos ideais que confessam.

Contradição de todos os tempos? É possível, mas, infelizmente, factor dominante na nossa época.

Talvez porque o homem se devorou da sua própria natureza, esqueceu a sua origem e quer desconhecer o seu próprio fim.

Dá, como escreveu Federico Suarez, um vento de loucura impetuosa a descompassada e frenética agitação da época actual, sem compostura nem paz, sem reflexão e sossego. Ruído, desordem, velocidade, um correr desvaído, de um lado e para o outro, sem rumo fixo, sem saber para onde nem para quê, a rebobe, sempre, dos acontecimentos.

Começa um ano novo. Quizesse Deus que tivesse plena realização o dito popular ano novo vida nova!

Monumento ao Dr. Bernardo Lopes

Sendo a «A Voz de Loulé» o porta voz do povo louletano, como tal vimos mais uma vez as suas colunas para dizer que, os nossos brados, felizmente, não se perderam no deserto da indiferença do povo.

E ao publicarmos mais estas linhas sobre a personalidade do Dr. Bernardo Lopes, não nos limitamos a prestar uma homenagem a quem inspirou sempre a maior simpatia a este povo que o venerava, pretendemos apenas afirmar mais uma vez a admiração por aquele que sacrificou o seu descanso a praticar o bem, e que, espido de qualquer orgulho, conseguiu, o que é raro num meio onde todos se conhecem, não deixar contra a sua pessoa o menor recentimento. Foi sempre modesto, e na modestia viveu.

Cremos bem que se nós todos os que ele distinguiu com a sua estima, o imitamos, orientando os nossos actos pela sinceridade, pela firmeza e pelo espírito de bondade que com as determinantes da sua forte pessoa, cidade, teremos prestado a homenagem devida.

O Dr. Lopes foi sempre um homem de bem e generoso, com a sua morte perdeu o (concelho de Loulé um homem útil e desinte-

Pois os nossos votos são de que neste ano novo, o homem decida fazer vida nova, seguir novos caminhos, de ordem moral e espiritual, consiga, afinal, reencontrar-se e retomar os caminhos que conduzam à Paz e à Justiça, eliminando as cortinas de ódio que impedem que os homens sejam irmãos dos homens.

Não o será pela ciência nem pela técnica, não o será pela substituição de estruturas nem pelas reformas sociais, mas pela reforma do próprio homem.

Quando ele se despir do seu orgulho e reconhecer a sua infinita pequenez perante Deus, quando renunciar a impôr a sua vontade para se submeter à Lei de Deus, o homem terá encontrado o Caminho, a Verdade e a Vida.

Que em oposição aos progressos técnicos de 1958, o ano de 1959 abunde em avanços largos e seguros de progressos morais e espirituais, para que possa constituir para a pobre humanidade, um ano feliz e verdadeiramente próspero.

Cobrança de assinaturas

Prevenimos os nossos estimados assinantes de que estão a pagamento os recibos das assinaturas referentes ao ano em curso.

Devido aos elevados encargos dos serviços de cobrança, agravados ainda mais com a recente divisão de Lisboa em 6 zonas postais, ficamos muito gratos aos nossos estimados assinantes que queiram ter a gentileza de nos remeter as importâncias das suas assinaturas.

Aos que já o fizeram, confessamo-nos muito gratos, pela prontidão com que efectuaram a liquidação dos seus recibos.

ressado dos seus prontos, um homem prestimoso, um trabalhador incançável um verdadeiro modelo de honestidade.

Sentimos o seu passamento com a magra que nos causa o desaparecimento do número dos vivos de um homem que, no nosso meio se destacou pela sua elevada estatura moral e pela sua predigiosa actividade profissional.

Os louletanos jamais poderão esquecer os serviços que o Dr. Lopes tão dedicadamente prestou a este grande povo que lhe vai pagar a dívida de gratidão.

Há-de ser sempre venerado e lembrado com saudade como um alto exemplo de dedicação pelo bem estar de muitos.

(Continuação na 3.ª página)

Vacinação Antitifoide

Do ilustre Delegado de Saúde Distrital recebemos uma circular solicitando a nossa colaboração no sentido de se intensificar a vacinação antitifoide, que se efectua nas subdelegações dos Concelhos e que tão útil é, para os habitantes de locais, onde a água não reúne as necessárias qualidades de pureza e potabilidade.

Acidente ferroviário

O SERVIÇO DA C. P.

Como coisa sem importância e sem comentários, notificaram os jornais de 24 de Dezembro o pequeno acidente ferroviário, ocorrido perto da estação de Bairo, na noite de 23, por a automotora do Algarve ter chocado com os restos da composição de um comboio de mercadorias, esquecidos na linha, a 500 metros da dita estação.

Todavia esse acidente podia ter sido um desastre de grandes proporções.

Bastaria que a automotora já tivesse ultrapassado os 35 Km. p. h. quando o respectivo motorista viu os vagões e os 200 e tantos passageiros ficariam escaqueirados pela violência do embate ou amassados, entre malhas e ferros, se, o que era mais que certo, as carruagens, descarrilando, se precipitassem nos taludes de cerca de 8 metros que, no local, ladeiam a linha.

Exceptuados os 3 mais gravemente atingidos, todos os restantes passageiros, mesmo os 20 ou 30 que sofreram arranhões e pequenos traumatismos, refeitos do susto e satisfeitos pela boa sorte daquele azar, se inclinaram à generosidade para com o chefe da estação, o agulheiro e o condutor do comboio de merca-

dorias pelas graves negligências cometidas e se dispuseram a aceitar, de boa mente, a situação.

Todavia não poderam deixar, à medida que o tempo passava, de protestar contra a forma por que a C. P. e o seu pessoal os trataram.

Em primeiro lugar nenhuma providência se tomaram para o transporte dos passageiros da automotora para os seus destinos.

Foi preciso o signatário instar por que se inquirisse se o comboio seguinte designado pelo pessoal pelo pomposo nome de especial tinha ou não lotação, mas foi logo decidido que sim, só para não se atrelar mais uma carruagem.

Resultado: — na 1.ª classe os passageiros tiveram de se sujeitar a uma verdadeira estiva, compartimentos de 8 lugares com 15 pessoas e corredores de tal forma apinhados que era impossível alcançar uma retrete.

A carruagem, sem aquecimento e com costas «estofadas» a pano devia ser das de 3.ª regatadas pelas outras regiões.

Depois, tal comboio especial

(Continuação na 4.ª página)

O Senhor Costa não é feliz...

O sr. Costa é o homem comum dos nossos campos. Possui cerca de vinte hectares de terra, divididos por várias courelas e courelotas, dando a impressão, a quem manejar a sua folha de matriz, que se trata duma pessoa muito rica, tantos são os números que ali figuram. Todavia, se se descer ao pormenor, verifica-se que o seu rendimento anual, não é grande, cerca de vinte e cinco contos, cativo a despesas. É o nosso lavrador médio.

Vive o sr. Costa no extremo da freguesia, na bifurcação de outras duas, por onde se estendem parte das suas terras. No outro tempo, os meios de comunicação com o seu monte eram apenas caminhos; hoje, porém, beneficia de uma estrada que lhe passa mesmo junto à residência, o que se por um lado o beneficia, por outro traz-lhe embaraços sérios.

O que importa, nesta altura, é saber como o sr. Costa vive, para ajulzarmos da sua fortuna, pois o sr. Costa goza da fama de homem rico, o que aliás não corresponde à verdade.

As suas courelas, cujo rendimento bruto já computámos em vinte e cinco contos anuais, exigem-lhe mão de obra que excede em muito a capacidade de trabalho dum só homem. Bem se esfalta o sr. Costa, levantando-se às quatro da madrugada para tratar do gado e deitando-se quase à meia noite pela mesma causa, para vencer um serviço que exige a presença de três homens, embora, nalguns períodos, dois cheguem.

Mas a sementeira, a apanha dos frutos são períodos particularmente afanosos. E por isso que o sr. Costa conta de antemão com a forma de a despendir um trabalhador anual, o que lhe diminui o rendimento dos vinte e cinco para dezoito contos, aproximadamente; tem de contar também com duas mulheres a dias, cujas jornadas lhe importam em cerca de cinco contos (e vá que não são permanentes!) fazendo-lhe descer o tal rendimento para a casa dos treze contos. Mas

(Continuação na 2.ª página)

A Praia de Quarteira

Meu Caro Solimão Fagundes

É com satisfação que aprecio sempre a sua compostura e cordialidade quando tratamos de assunto em que a sua opinião — e a minha, — se encontram em pontos paralelos ou discordantes.

Não há dúvida nenhuma que tratando as coisas com a superioridade e o nível que a arte da civilidade aconselha, os problemas têm outro aspecto, são tratados com outra formalidade e a discussão pode ser construtiva e proveitosa.

Mas infelizmente — não é este o seu caso — quando se vem a público tratar destes assuntos com a frivolidade apavorante de presumir que se tem graça ou espírito, numa irreverência absoluta por tudo o que os técnicos dizem ou fazem, mostrando uma ignorância chaparra de tudo o que interessa ao problema, só podemos admitir que a contribuição destes contadores, projecta tanta luz para o caso, como as lanternas de um automóvel ao meio dia de um dia de sol.

E, ainda digo, quando na discussão se mete futebol, contando as opiniões como o marcador de um campo desportivo, é quase

certo que o problema é apresentado a pontapé.

Afinal continuo a pensar que estamos com a discussão deste problema a contribuir para o prejuízo de Quarteira, embora os nossos desejos sejam positivamente o contrário. A questão não é, como já se disse e acentuou, de colocação de um casino, que esse foram-no pôr os de Armação de Pera, ao extremo da Praia e vamos lá, muito bem, Graças a

(Continuação na 2.ª página)

Os Castelos da Vila

Na noite do vendaval, que assolou o Algarve em fins de Dezembro, ruíram por completo uma casa que — fazendo parte do grupo das que têm de ser expropriadas para desafortunamento dos Castelos da Vila — há muito aguardavam o camarelho municipal.

Seria talvez ocasião propícia danossa Municipalidade atacar este velho problema do desafortunamento das mais tradicionais e históricas relíquias do passado de Loulé.

PRA' FRENTE!!!

Terminaram as férias. As Festas do Natal e da família estão findas. O espírito de família e de amor fraternal elevado à maior intensidade, em cada ano, nesta quadra, sob o signo e o exemplo de Cristo, conagrando elementos bem dispersos nas famílias, fazendo esquecer agravos, aquecendo mais a generosidade dos corações de todos os homens, irá certamente contribuir, agora, que a nossa cruzada se aproxima, para entre nós, entre todos os louletanos, aqui vivendo, ou ausentes da sua terra, se lançarem, sem esmorecimentos, à batalha que há mais de meio século se vem travando e que sempre, honrosamente, o povo de Loulé tem ganhado. Referimo-nos aos nossos Festejos Carnavalescos. Torna-se necessário, porque o tempo

As amendoiras em flor no Algarve e o Carnaval de Loulé, não têm paralelo. São sinónimos de beleza, arte e bom gosto.

urge, e, porque, não interessa saber porque, algumas vezes mais descrentes, espíritos mais derrotistas, direi mesmo visões mais estreitas, pretendem fazer prevalecer a ideia de que o nosso Carnaval — acreditado por quase 60 anos de tradições, conhecido por todo o País, reconhecido mesmo como um cartaz turístico de primeira plana na nossa Província — terá que sofrer o desafio do outro carnaval que a grande imprensa vem anunciando. Aos bons louletanos, aos amigos da sua terra, aqueles a quem o ideal paira mais alto e vêm acima de tudo o fim último da nossa festa, nada os recará certamente.

Pelo contrário, tal será certamente, mais um estímulo e, se ao fim e ao cabo não ganharmos nas aparições, ganharemos certamente nos resultados, salvaguardadas as proporções, os meios empregados e os fins atingidos, e isto porque, jámais os Louletanos deixaram esmorecer a sua fé quando aquilo porque lutam tem aquela nobreza que não sofre desafio: — BEM FAZER.

Salvador Daqui

Alistamento de Voluntários no Exército

Pelo brioso Chefe do Distrito de Recrutamento e Mobilização n.º 4 de Faro, foi-nos enviado um edital em que se convidam todos os mancebos dos 18 aos 20 anos, que saibam ler, escrever e contar, de que podem ser alistados no exército, como voluntários.

Os mancebos dos 16 aos 20 anos que possuam exame da 4.ª classe podem alistar-se para o «Serviço do Material» onde poderão seguir as seguintes especialidades:

Artífice carpinteiro, Mecânico de Armamento, Mecânico electricista, Mecânico de instrumento, de precisão, Mecânico de radar, Mecânico radiomontador, Mecânico de viaturas de rodas e de lagartas, Artífice selheiro correio, Artífice serralheiro.

Os requerimentos devem ser apresentados até 19 de Janeiro próximo.

AVISO

Foi superiormente determinado que se realizem exames de candidatos à regência de postos escolares no mês de Janeiro.

A respectiva documentação deve dar entrada na Secretaria da Direcção Escolar, de 2 a 9. As provas do exame iniciam-se no dia 12 do mesmo mês.

A distribuição do «Bolo do Natal»

Correspondendo à feliz iniciativa do «Diário Popular», também Loulé participou na Campanha do «Bolo do Natal», tendo a respectiva Comissão procedido à distribuição de numerosos bolos aos pobres da nossa terra.

A Câmara de Loulé deu valiosa colaboração, o que permitiu que a Associação das Senhoras de Caridade, Comissão M. de Assistência, Associação A. à Mendicidade e Obra Vicentina distribuissem aos pobres seus protegidos, em número de 200, um jantar de Natal que constou de meio quilo de cada um dos seguintes géneros: açúcar, arroz, massa, pão, bacalhau, toucinho, café e margarina.

Foram também oferecidos 10 pares de sapatos, 3 chales e 8 vestidos, conseguidos através da Direcção Geral de Assistência.

Festa única, sem rival, E de vivo ineditismo Já tem fama em Portugal E' um cartaz de turismo.

Com fins de beneficência As Festas do Carnaval, Dão a Loulé, excelência E receita ao Hospital!

Sessão solene na Câmara Municipal

No prosseguimento da sua benemérita acção cultural e com o altruístico fim de galardoar os estudantes louletanos que em cada ano lectivo mais altas classificações conseguem alcançar nos vários estabelecimentos de ensino que frequentam, promove hoje, a Câmara Municipal de Loulé, mais uma sessão solene para distribuição dos respectivos prémios e durante a qual usará da palavra o nosso conterrâneo Rev. Padre Manuel Vitorino Correia.

Os alunos premiados este ano são:

Carminda Maria Mariano Cavaco, 2.º ano do Curso de Ciências Geográficas, da Faculdade de Letras de Lisboa. Prémio: Dr. Oliveira Salazar;

Dina Maria Mendes Rodrigues, Finalista do Curso Liceal (5.º ano). Prémio: Engenheiro Duarte Pacheco;

Maria de Jesus Coelho Silva, Finalista do 1.º Ciclo Liceal. Prémio: Cândido Guerreiro;

José Rosa Simão, 2.º Ano de Teologia. Prémio: Mons. Freitas Barros;

Elsa Maria Bexica Anselmo, Finalista do Curso do Magistério Primário. Prémio: D. Ermelinda Aboim;

Aristides Jorge de Sousa Gema, Instrução Primária. Prémio: Prof. Cabrita da Silva.

NOVOS estabelecimentos

No dia de Ano Novo foi inaugurado mais um magnífico estabelecimento que muito contribuirá para o progresso de Loulé.

Queremos referir-nos ao moderno estabelecimento de Bilhares que os srs. José Domingos Cavaco Júnior e António Domingos Cavaco acabam de abrir na Rua Padre António Vieira no gaveto com a Rua da Carreira (em frente da redacção do nosso jornal).

Magnificamente situado, a dois passos da Avenida Costa Mealha, equipado com moderno mobiliário e novos bilhares, um dos quais de tipo americano, é mais uma unidade industrial que vem enriquecer a nossa Vila e numa área que se prevê de larga expansão urbanística.

(Continuação na 4.ª página)

Esqueça as suas preocupações

e venha até LOULÉ

RIR e BRINCAR

Nos 3 dias de Carnaval

LOULÉ' realiza este ano a festa mais colorida e animada do Algarve, no cenário incomparável das Amendoiras em flor

12 JAN. 1959

«Loulé... em retrato»

Foi-nos dirigida uma carta e, por sinal, muito bem redigida, na qual se nos pede que foque-mos directamente alguns casos, que, no dizer do seu autor (ou autora), interessam à nossa vila e merecem referência correctiva.

Trata-se porém de missiva anónima e já aqui se tem dito, muitas vezes, que o sistema é inoperante, pois só daremos acolhimento a pedidos feitos por pessoas idóneas e responsáveis que assinem os seus escritos e tomem a responsabilidade pelas suas afirmações. Mas, desta vez, temos que abrir uma excepção, porque as matérias ou assuntos versados nas cartas, são de sentido construtivo e não visam melindrar alguém e correspondem, aliás, às nossas intenções.

Uma das afirmações feitas é de que em Loulé, se joga muito, com prejuízo flagrante de certos elementos colaboradores, de economia débil.

Não sabemos, nem fazemos ideia dos locais onde se joga em Loulé, mas recordamo-nos que esta terra teve sempre essa «simpatia» por esse hábito perigoso e ruinoso, que não ilustra, não dignifica, nem eleva os seus praticantes. E nada mais, sobre este assunto.

Perguntam-nos na mesma carta por que é que se não permite a construção ao longo da Avenida General Carmona e porque é que se não enceta uma campanha sobre a falta de terrenos de construção em Loulé, porque, dizem-nos, muitas pessoas que trazem os seus capitais do estrangeiro, ou conseguem arranjar capitais de rendimento ou negócio, derivam para a compra de prédios em Faro, onde está em franco progresso a indústria da construção civil.

Quando a construção ao longo da Avenida General Carmona, já por várias vezes temos falado.

Há um problema que se arrasta há anos.

Quando a Câmara expropriou o terreno não indemnizou os proprietários das faixas ocupadas pelos aterros ou taludes e estes julgam-se e, legitimamente, donos dos mesmos. Mas, há uma lei que estabelece que as faixas dos taludes junto das estradas nacionais são do Estado e como a Avenida General Carmona faz parte, pelo menos de um lado, de uma estrada nacional, considera-se a Direcção de Estradas, legalmente dona desses taludes.

E, julgamos que da questão nascida entre o que é legítimo e o que é legal, nasceu a impossibilidade ou a dificuldade de construir nesses terrenos.

Diz-se ainda que no Plano de Urbanização de Loulé, esses terrenos são destinados a edifícios

Um novo Livro de versos de Eugénio de Andrade

Dentro de breves dias aparecerá em todas as livrarias do país um dos mais belos livros de versos do ano: o admirável poema elegíaco de Eugénio de Andrade.

Coração do dia. É mais um volume da colecção de Cadernos de Iniciativas Editoriais que o publico tanto aprecia e distingue com o seu entusiasmo.

públicos e por isso ninguém pode construir edifícios destinados a outros fins.

Ora, muito bem, mas o certo é que Loulé, tem empatada a construção ao longo de uma das suas principais artérias e este facto devia ser estudado em pormenor.

Se as Câmaras compete fomentar, ordenar, e regulamentar a construção e o desenvolvimento urbano das suas sedes e povoações do Concelho, por que é que se não atacou de vez, este velho problema?

Estamos mesmo a ver um sorriso irónico, na boca de alguns senhores a querer dizer: Olá! Então quando lá estavam, não fizeram nada e agora é que estão com isto?

Mas, para esses, há a resposta de que quatro anos já chegam para justificar esse argumento do «não fizeram».

E se vamos a usá-lo, toda a vida, nunca mais se fará nada.

Achamos que este problema dos terrenos para construção é vital para o progresso e desenvolvimento de Loulé e se vamos a protelá-lo indefinidamente teremos que aceitar este paradoxo: que sendo Loulé, uma terra onde há algum capital amealhado, que poderia proporcionar uma florescente actividade da construção civil estamos a promover o desenvolvimento de outras localidades com o escoamento desses capitais, que poderiam e deveriam servir para aumentar o nível de vida dos louletanos.

Um último ponto versava a carta que recebemos e era a pergunta naturalmente agitada a curiosidade, pelo recente baile ali realizado — porque é que se não utiliza o edifício do Centro de Assistência Social, que há tempo está concluído e mobilado?

Não sabemos que responder, mas quer-nos parecer que o nosso correspondente tinha razão ao perguntar se aquela obra, não teria sido melhor utilizada num Casino?

REPORTER X

A Praia de Quarteira

(Continuação da 1.ª página)

Deus, e está a marcar. E que, no fundo, a questão é outra.

Todos nós desejamos que a Praia tenha luz, esgotos, instalações hoteleiras, comodidades que, embora, para serem gozadas por turistas marceiros, como um engraçado futuro, são coisas que devem merecer o cuidado e a previsão dos que se metem, de consciência, a defender os interesses de Quarteira e o seu desenvolvimento real. Ora, nada daquilo se faz sem um Plano de Urbanização e aqui é que está o «nó górdio» de toda a questão.

Há um Ante-Plano que estava já aprovado pela Câmara e que merecera aprovação de todas as variadas Repartições que sobre ele tinham de pronunciar-se.

É isto há mais de 6 anos!

Até o Director de «A Voz de Loulé» se não estamos, em erro, devia ter emitido parecer sobre ele numa reunião do Conselho municipal de 1952, se a ela tivesse assistido e ainda há pouco, neste mesmo jornal aceitava e sugeria a alteração do Plano.

Ora, se há um Ante-Plano cla-

UM DRAMA NO «NACIONAL»

Peça em três actos velozes...

ACTO SEGUNDO

(Continuação)

O mesmo gabinete, a mesma gente... Apenas um raio de alegria nos semblantes. São 19 horas.

Secretário — (num ar triunfante) Aqui está a massa... (atira sobre a mesa)

Tesoureiro — (contando sofregamente) 10 contos em papel!

Presidente — Mas como conseguiu o senhor isto? Explique-se?

Secretário — No Café. Cheguei, medei os «carolos», e záz! Em dois arranques, 10 contos em papel!!!

Vice-Presidente — Mas como foi isso possível, homem de Deus?

Tesoureiro — Quais foram as «vitimas» desta feita?

Secretário — (sorrindo) O Perdido e o Lima.

Tesoureiro — O quê? O meu sogro?

Presidente — E... o meu genro?

Secretário — Nem hesitaram... Disse-lhes que... sim, estão a perceber... e sem pestanejar, sequer, os nossos amigos, (sinal de tirar a carteira) Pás... pás...

Tesoureiro — Vou ter sermão em chegando a casa. Eu que lhe tinha jurado que para futebol não daria nem mais um centavo!

Presidente — E então eu que dei com um filho de uma mãe que me levou a filha e me leva todas as economias? Já não basta o que tenho «escorrido»... (cruza os braços) Bonito!

Vice-Presidente — Acho bem... generosamente, mesmo muito bem...

Secretário — (Ao Vice-Presidente) Ah! esquecia-me de o prevenir: passei pelo seu estabelecimento e fiz compras de 17 malas, uma bola, 11 pares de meias, etc... — Uns três contos e tal...
Vice-Presidente — O quê? Mais ainda?! Pois o senhor acha pouco?

Secretário — A resignação moral, a mais cruel de todas! Vou para o campo sofrer...

Desça à bilheteira e oja o tiro do fracasso, capaz de fulminar um coração e endoidecer um cérebro... Pague a todos os compromissos que oneram uma organização e fique sem «vintém», e dir-me-á que espécie de sofrimento é o meu.

Presidente — Em que ficamos afinal?

Secretário — Dinheiro já nós temos.

Tesoureiro — E malas também...

Vice-Presidente — Sabe Deus como...

Secretário — Resta-me lançar os respectivos débitos...

Presidente — Seja! Como Presidente, darei o exemplo.

Tesoureiro — Que seja ao menos o Desportivo a ganhar!

Vice-Presidente — Para não sermos todos a perder...

Em cada director há uma atitude diferente... uma atitude de sacrifício...

PANO A CUSTO...

António Augusto Santos

(Conclui no próximo número)

—X—X—X—X—X—X—X—X—

PARRAGIL

Agradecimento

João Rita, na impossibilidade de o fazer pessoalmente por falta de endereços, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhar à sua última morada, sua querida mãe Maria da Encarnação Ponte Guia, e ainda às que se interessaram pelo seu estado durante a doença que a vitimou.

CONFECÇÕES

Enxovais para bebé

Brinquedos

veja o sortido da

CASA BAMBI

Praça da República, 94

LOULÉ

ACORDEON

«Honner» em optimo estado, teclado piano.

Vende Pascoal Viegas

Lopes. Barranco do Velho.

R. P.

CARRO

Vende-se carro para uma besta só, em estado novo, construído pelo Mestre Corpas.

Tratar na Moagem da Ponte de Salir.

—X—X—X—X—X—X—X—X—

Ecos de Quarteira

É incontestável que a «Voz de Loulé» é um paladino acérrimo do progresso de todo o concelho mas Quarteira, em especial, muito lhe deve. É raro o número do nosso jornal que não pugna pelo progresso de Quarteira, sobretudo no que diz respeito aos problemas relacionados com a Praia.

Terminaram as obras do calcetamento na Rua de S. João.

No dia 8 de Dezembro a procissão em honra da Senhora da Conceição passou pela dita rua o que alegrou sobremaneira os seus moradores.

A Junta de Freguesia aproveitou os restos da pedra para tapar os buracos de algumas ruas que estavam intransitáveis. Bem haja por isso.

Se todos os anos, pelo menos, se reparassem uma rua, Quarteira teria outro aspecto, que aliás era justíssimo.

Fez este jornal justa referência ao lugar impróprio em que se encontra instalado o farolim, único sinal que da terra pode orientar os nossos pescadores. Mas não é tudo. Há mais a anotar.

Todos os que se dedicam à faina da mar são unânimes em afirmar que o farolim, onde está instalado não os orientam convenientemente e pedem que volte a ser colocado na Ermita da nossa Igreja.

Há mais de um ano que está concluído o Lavadouro Público de Quarteira. Não se percebe qual o motivo porque não funciona. As torneiras estão já ferrugentas e portanto a estragarem-se.

O povo continua a utilizar os lavadouros particulares sem higiene e portanto impróprios.

Até quando durará esta anomalia?

Deram-nos o prazer da sua visita que agradecemos, os nossos ilustres conterrâneos. Dr.ª D. Maria do Sameiro da Piedade e o sr. Dr. António Pontes.

C.

A NOSSA ESTANTE

CONTOS TRADICIONAIS PORTUGUESES

Estão publicados e recebemos, mercê da amabilidade de «Iniciativas Editoriais» (Avenida Ric de Janeiro, 6, cave Lisboa), os fascículos n.º 21 e 22 desta obra compilada e prefaciada por José Gomes Ferreira e Carlos de Oliveira e ilustrada por Maria Keil.

Nos referidos fascículos acabam-se o «Livro das Artes Mágicas», que inclui histórias e contos curiosos e iniciam-se as «Glossas Cultas dos Temes Populares» que inscrevem contos e histórias não menos curiosas como «A dama pé de cabra», «As irmãs invejosas», «História de uma vestimenta real», «Segredo em boca de mulher» e «Branca-flor».

—X—X—X—X—X—X—X—X—

Agradecimento

Joaquim Sebastião Junior

Conceição do Rosário Sebastião Gonçalves e restante família vêm por este meio patenter o seu reconhecimento a todas as pessoas que se interessaram pelo estado de saúde do seu querido irmão e parente, durante o período da doença que o vitimou e bem assim a todas que as honraram acompanhando-o até à sua derradeira morada, bem como às pessoas que de qualquer maneira lhes manifestaram os seus sentimentos de pesar.

QUARTEIRA

Vende-se um monte, com casas de habitação, terra de semear e árvores de fruto.

Tratar com o proprietário José de Sousa Guerreiro — Cavacos (Quarteira).

O Sr. Costa

não é feliz...

(Continuação da 1.ª página)

o sr. Costa precisa de conduzir água para casa, duma fonte que lhe fica um pouco distante e também precisa de transportar frutos e géneros; tem a sua sementeira, o que o obriga a possuir uma parrelha de machos, cuja alimentação, fazendo a coisa pelo barato, monta a perto de seis contos; mas admitindo que o faça por cinco, temos que os treze contos passaram para oito.

Cuidado sr. Costa! Muito cuidado! Olhe que o dinheirinho escapa-se. Você não vê que ainda não pagou a contribuição predial; não pagou ao Grémio da Lavoura; não pagou as quotas de três casas do povo em cujas áreas as suas terras estão situadas, e uma delas absorve-lhe totalmente o rendimento de duas curelas ali possuídas; não tirou a licença do carro, do cão e da bicicleta e que isso lhe leva a bagatela de dois contos?

Mas espere sr. Costa! Afim tem você à sua porta o homem que lhe vem cobrar o seguro agrícola, logo a seguir o ferreiro e o sapateiro com contas velhas! Repare no estado em que se encontram as suas ferramentas do trabalho: as enxadas, os arados, o carro, etc., e que isso tudo lhe leva para cima de três contos! Já reparou com quanto fica? — Não chega a três contos!...

O sr. Costa está como doido, porquanto pensa na casa que está a cair e tem, só para a poder reparar, de arcar com os seguintes encargos, visto que está junto da estrada: de apresentar uma planta descritiva de todo o prédio, trabalho da competência dum engenheiro; de apresentar um caderno de encargos com cálculos sobre o material a empregar; tem de tirar licença nas Obras Públicas e licença da Câmara; tem de descontar para o Fundo do Desemprego e para a Caixa de Previdência; tem de pôr o pessoal no seguro, etc. E ainda não desviou sequer um centavo para alimentação da família, para vestir e calçar, para médico e farmácia e para a educação dos filhos!

Oh! sr. Costa, você foi tolo e disse ninguém tem culpa. Em vez de lavrador, com fama de homem rico, porque não se dedicou aos desportos, uma coisa do maior interesse do País? Você nesta altura era o expoente máximo da economia nacional, era a figura olímpica e jupiteriana que poria na sua frente multidões delirantes a aclamá-lo, trocando entre si frases como estas: este é o homem que corre; este é o homem que joga; este é o homem que nada. Sobre tudo nesta forma verbal «nada» está o desabrochar dum grande futuro. A televisão e a Rádio levariam, todos os dias e durante umas quantas horas, a mostrá-lo ao público sob as formas mais variadas: de calções, a correr; em entrevistas, repimado num cadeirão; em gravações peluculares; enfim, tudo quanto pode enaltecer a pessoa humana.

Estaria acima da alta magistratura, em que ninguém fala; do professorado universitário, completamente desconhecido; dos sábios e artistas, totalmente ignorados.

O sr. Costa, como que embalado por um anjo, cai por fim em êxtase e exclama: Para grandes males, grandes remédios — vende-se a casa para pagar o respectivo concerto, e, toca a emigrar. O sr. Costa não é feliz!

Gil Brasino

Guarda - Livros

Monta e segue escritas atrasadas.

Nesta redacção se informa.

VENDE-SE

Uma courela de terra de semear, no sítio do Senino (Fonte Santa). Oito geiras de terra, amendoeiras, figueiras e outras árvores. Casa de arrecadação, etc.

Tratar com Joaquim Francisco Pinheiro — Campina de Cima — Loulé.

Transportes de Carga Louletana, L. da

Largo Tenente Cabeçadas — Telef. 30 e 17

LOULÉ

AGÊNCIA EM LISBOA

Rua de S. Mamede, 24-D (ao Caldas)

Telefone 22437

Agência em Olhão:

Avenida 5 de Outubro, 22-A

Telefone 193

Dr. Teodoro de Sousa Pedro

CLÍNICA GERAL

Consultas:

Casa de Saúde «Dr. António Frade»

das 15 às 18 horas

Telefone 52

Residência: Rua N. Senhora da Piedade — Telef. 196

LOULÉ

CARRO

Vende-se carro para uma besta só, em estado novo, construído pelo Mestre Corpas.

Tratar na Moagem da Ponte de Salir.

CASA BAMBI

Praça da República, 94

LOULÉ

ACORDEON

«Honner» em optimo estado, teclado piano.

Vende Pascoal Viegas

Lopes. Barranco do Velho.

As amendoeiras em flôr

e o Carnaval de Loulé

são 2 inegaláveis espectáculos de beleza que o Algarve oferece nesta quadra do ano

EDITAL

1.ª publicação

Carlos Alberto Marques, Chefe da Secção de Finanças do Concelho de Loulé

FAZ SABER que por esta Secção de Finanças, correm editos de trinta dias, a contar da segunda e última publicação destes, no jornal local «A Voz de Loulé», notificando José Maria de Sousa, morador na Rua Pedro Nunes, desta vila e actualmente em parte incerta, para no prazo dos dez dias imediatos aos trinta, apresentar, de harmonia com o artigo 10.º do Decreto 37.021, de 21 de Agosto de 1948, nesta Secção de Finanças, e na qualidade de inquilino, a contestação que julgar conveniente, sobre o pedido de avaliação feito nos termos da lei 2030, pelo senhorio José Pires Bernardo.

E para conhecimento dos interessados se passou este e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares mais públicos deste Concelho.

Secção de Finanças do Concelho de Loulé, 20 de Dezembro de 1958.

O Chefe da Secção,

Carlos Alberto Marques

EDITAL

Carlos Alberto Marques, Juiz das Execuções Fiscais de Loulé

FAÇO SABER que no dia 16 do mês de Janeiro de 1959, pelas 11 horas, à porta da Secção de Finanças, se há-de proceder à arrematação, pelo maior lance que for oferecido, dos bens abaixo designados penhorados a José da Luz Rosa, casado, morador em Benafim Grande, para pagamento de Contribuição Industrial Grupo - A, do ano de 1958.

Designação dos bens: um automóvel de aluguer com a matrícula N.º D, E, — 14 - 21, da marca «Studebker», já usado.

Estes bens vão à praça nos autos de Execução Fiscal que a Fazenda Nacional move pelo Juízo de Execuções Fiscais do Concelho de Loulé, contra José da Luz Rosa, casado, morador em Benafim Grande, freguesia de Alte.

Pelo presente são citados quaisquer credores incertos e desconhecidos do executado, para deduzirem os seus direitos.

E para constar se passou o presente e outros de igual teor que se mandaram afixar no lugar do estilo.

Loulé, 16 de Dezembro de 1958.

E eu, Manuel da Encarnação, escrevo que o subscrevi.

O Juiz,

Carlos Alberto Marques

Dr. Bernardo Lopes

(Continuação da 1.ª página)

Como preito de homenagem ao grande benemérito e ao grande médico, vão os filhos de Loulé dilatar-lhe a memória pelo bronze ou pelo mármore.

Não é para a nossa pena de modesto colaborador do jornal local traçar a biografia de tão lembrado benemérito que, se além tûmulo, alguma consideração há, que seja a saudade de todos nós, louletanos, que ele nos deixou. Os dois anos, após a sua morte, ainda não fez cicatrizar a ferida aberta nos corações dos seus inúmeros amigos que lamentam profundamente a sua morte, e perante o tûmulo que esconde o seu corpo inanimado, só uma voz se ouve — a da justiça vai, enfim, ser feita — a construção do monumento a perpetuar a sua memória.

Nunca duvidamos da acção da Comissão nomeada para tão pesado encargo de levar a efeito a construção do monumento a erigir. É tarefa de responsabilidade, bem o compreendemos, precisando de muita coragem e trabalho.

Bem haja a Comissão.

Augusto C. Belotinha



EDITAL

RECENSEAMENTO ELEITORAL

RUI EDUARDO DA GLÓRIA CENTENO, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de LOULÉ,

FAZ SABER, nos termos e para os efeitos do art.º 10.º da Lei n.º 2.015, de 28 de Maio de 1946, que as operações do recenseamento dos eleitores do PRESIDENTE DA REPÚBLICA e da ASSEMBLEIA NACIONAL para o ano de 1959, terão início em 2 de Janeiro e terminarão em 15 de Março do mesmo ano.

Ao abrigo do disposto nos artigos 1.º e 2.º da citada lei:

São eleitores e, como tal, recenseáveis:

1.º — Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que saibam ler e escrever português;

2.º — Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que, embora não saibam ler e escrever, paguem ao Estado e corpos administrativos quantia não inferior a 100\$00, por algum ou alguns dos seguintes impostos: contribuição predial, contribuição industrial, imposto profissional e imposto sobre aplicação de capitais;

3.º — Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados, com as seguintes habilitações mínimas.

a) — curso geral dos liceus;

b) — curso do magistério primário;

c) — curso das escolas e belas artes;

d) — curso do Conservatório Nacional ou do Conservatório de Música do Porto;

e) — curso dos institutos industriais e comerciais;

4.º — Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados, que, sendo chefes de família, estejam nas demais condições fixadas nos n.ºs 1.º ou 2.º.

Para os efeitos do disposto neste número, consideram-se chefes de família as mulheres viúvas, divorciadas, judicialmente separadas de pessoas de bens ou solteiras que vivam inteiramente sobre si.

5.º — Os cidadãos portugueses do sexo feminino que, sendo casados, saibam ler e escrever português e paguem de contribuição predial, por bens próprios ou comuns, quantia não inferior a 200\$00.

A prova de saber ler e escrever faz-se:

a) — Pela exibição de diplomas de exame público, feita perante a comissão que funcionará na sede da respectiva Junta de Freguesia;

b) — Por requerimento escrito e assinando pelo próprio, com reconhecimento notarial da letra e assinatura;

c) — Por requerimento escrito, lido e assinado pelo próprio, perante a comissão referida na alínea a), desde que no mesmo requerimento assim seja atestado, com a autenticação por meio de selo branco ou a tinta de óleo da Junta de Freguesia;

d) — Pela respectiva declaração nos mapas enviados pelas repartições ou serviços a que se refere o art.º 13.º da citada Lei.

A prova do pagamento referido nos n.ºs 2.º, 4.º e 5.º faz-se:

a) — Pela exibição, perante a comissão de freguesia, dos conhecimentos respectivos, cujos números ficarão anotados no verbete ou processo individual do eleitor;

b) — Pela inclusão no mapa enviado pelo chefe da secção de finanças.

Ao marido se levarão em conta os impostos correspondentes aos bens da mulher, posto que entre eles não haja comunhão de bens, e aos pais os impostos correspondentes aos bens dos filhos menores a seu cargo.

A prova das habilitações referidas no n.º 3.º faz-se:

Pela exibição do diploma do curso, da certidão ou da pública-forma respectiva, perante a comissão de freguesia ou pela declaração respectiva nos mapas enviados pelas repartições ou serviços mencionados no art.º 13 da citada Lei.

Não podem ser eleitores:

1.º — Os que não estejam no gozo dos seus direitos civis e políticos;

2.º — Os interditos por sentença com trânsito em julgado e os notoriamente reconhecidos como dementes, embora não estejam interditos por sentença;

3.º — Os falidos ou insolventes, enquanto não forem reabilitados;

4.º — Os pronunciados definitivamente e os que tiverem sido condenados criminalmente por sentença com trânsito em julgado, enquanto não houver sido expiada a respectiva pena e ainda que gozem de liberdade condicional;

5.º — Os indigentes e, especialmente, os que estejam internados em asilos de beneficência;

6.º — Os que tenham adquirido a nacionalidade portuguesa, por naturalização ou casamento, há menos de 5 anos;

7.º — Os que professem ideias contrárias à existência de Portugal como estado independente e à disciplina social;

8.º — Os que notoriamente careçam de idoneidade moral.

Todos os cidadãos com direito a voto poderão requerer a sua inscrição no Recenseamento ao Presidente da Comissão Recenseadora, por intermédio das Comissões de Freguesia, e deverão mencionar, além do nome, o dia do nascimento, filiação, estado, profissão, habilitações literárias e morada.

Para constar se publica o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do estilo.

Paços do Concelho, 16 de Dezembro de 1958

O Chefe da Secretaria,

Rui Eduardo da Glória Centeno

Notícias pessoais

ANIVERSÁRIOS

Fazem anos em Janeiro:
Em 1, os srs. José Manuel Júdice Pontes e Francisco Bitá Bota, residente em Lisboa.

Em 2, a sr.^a D. Maria do Carmo de Brito Gomes, residente na América do Norte, e o menino Júlio Fernandes Gonçalves Guerreiro e a menina Maria Cardoso Ramos Barros.

Em 3, a sr.^a D. Maria da Soledade Vilhena Baptista Martins e o menino Francisco da Silva Ferreira.

Em 6, a menina Deonilde Morgado Martins e o sr. Sebastião Mendonça, residente em Faro e a sr.^a D. Maria José Rocha Carapeto Silva Pereira e a menina Maria Helena Correia Contreiras.

Em 8, o menino José Manuel Scusa do Nascimento.

Em 9, a sr.^a D. Laurinda da Ponte Gonçalves Madeira, residente em Vila Real de Santo António.

Em 10, a menina Orlanda Maria de Sousa Luís Ramos, a sr.^a D. Maria Josefina Guerreiro Rua Frade Lory e o sr. Francisco Andrade Ferreira.

Em 11, o sr. Sebastião Marçal de Castro.

Em 12, as sr.^{as} D. Zídia Costa Nordeste dos Santos Vaz, D. Maria Elizabeth Mendes Esteves e D. Cândida de Brito Cecília, residente no Palmeiral.

Em 13, a menina Maria de Fátima Barros Gonçalves.

Em 14, a menina Maria Catarina da Franca Rodrigues Cebola.

Em 15, a sr.^a D. Maria Quitéria Ramos.

Em 16, os meninos António Vila-Lobos de Carvalho Santos e Carlos Alberto Simão Maia e a menina Maria Amélia Coelho Gula, residente em Grândola.

Em 17, a sr.^a D. Florinda Maria Aleixo de Sousa, os srs. José Manuel Ferreira e Manuel Sérgio Viegas Gago e a menina Maria Sofia Pacheco Magalhães Pinheiro, residente em Faro.

Em 25, a sr.^a D. Maria Tomaz Sequeira da Silva e o sr. Padre João de Jesus Martins.

PARTIDAS E CHEGADAS

— A passar as festas de Natal com sua família esteve em Loulé o nosso querido amigo e prezado assinante sr. Capitão Fausto Laginha dos Ramos, que em Lisboa, frequenta o curso da Escola de Altos Estudos Militares.

— Com curta demora, esteve em Loulé o nosso prezado amigo e assinante sr. Bernardino Carapeto que, na companhia de seu filho Acácio Carapeto, já regressou a Paris, onde há anos fixou residência.

— De visita a sua família, encontra-se em Loulé o nosso prezado assinante em França sr. Manuel Pestana Gomes.

— Esteve na nossa redacção o sr. Modesto Apolónia Cavaco, nosso prezado assinante em Alameda.

— Tivemos o prazer de cumprimentar nesta redacção o sr. Manuel Francisco Júnior, nosso prezado assinante em Angola, e que se encontra na Metrópole em goso de férias.

— Tivemos o prazer de cumprimentar nesta redacção, o nosso estimado assinante em Évora sr. Rogério Martins Rodrigues.

— Com curta demora esteve em Loulé o nosso prezado amigo e assinante sr. Manuel de Móra Féria, importante comerciante em Alhos Vedros.

— Deu-nos o prazer da sua visita o nosso estimado amigo e assinante sr. Dr. Manuel Viegas, Correia, residente em Paço de Arcos.

— Com curta demora, esteve em Loulé o nosso prezado assinante sr. Sebastião Lima Calado, 2.º sargento do R. E. 1, em Lisboa.

— Vindo de Vila Carmona (Angola) onde há alguns anos fixou residência, encontra-se em Loulé, o nosso prezado amigo e assinante sr. Casimiro José da Piedade Mata.

— Acompanhado de sua esposa sr.^a D. Maria José da Piedade

Mata e seu filho Amândio, deslocou-se a Lisboa o nosso estimado amigo sr. Casimiro dos Santos Mata, funcionário de Finanças nesta vila, que foi à capital assistir à chegada de seu filho Casimiro José.

CASAMENTO ELEGANTE

Com grande solenidade, realizou-se no passado dia 22 de Dezembro, na Igreja de S. João de Deus, em Lisboa, o enlace matrimonial da nossa conterrânea sr.^a D. Maria Josefina Guerreiro Rua Frade, pretendida filha da sr.^a D. Maria Valentina Guerreiro Rua Frade e do nosso saudosos amigo Dr. António Frade, com o sr. Alberto Manuel de Atougua Nunes Lory, filho do conceituado industrial de Lisboa sr. Vergílio Paulo Lory e de sua esposa sr.^a D. Alzira de Atougua Nunes Lory.

Apadrinharam o acto, por parte da noiva sua mãe e seu tio sr. Dr. Jaime Guerreiro Rua e por parte do noivo seu pai e sua madrastra, sr.^a D. Raquel Lory.

Após a cerimónia foi servido um finíssimo «copo de água» aos numerosos convidados, no Salão Minerva.

Os noivos seguiram em viagem de núpcias para o Norte, fixando a sua residência em Lisboa.

Ao novo casal deseja a «A Voz de Loulé» as maiores venturas.

FALECIMENTOS

Com a idade de 66 anos, faleceu há dias em casa de sua residência nesta vila, a sr.^a D. Maria Bárbara de Barros Cabegadas, viúva do sr. Manuel Joaquim Guerreiro Marrachinho, que foi conceituado comerciante na nossa praça.

A saudosa extinta era mãe das sr.^{as} D. Maria Bárbara Cabegadas Guerreiro Morgado e D. Maria das Mercês Cabegadas Guerreiro Machado, chefe da Estação Telegrafo Postal de Albufeira e sogra do nosso prezado amigo sr. José Rocheta Morgado, proprietário da Auto-Mecânica Louletana e do sr. Miguel Romão Sequeira Machado, conceituado comerciante em Albufeira.

— Contando 74 anos de idade faleceu há dias em casa de sua residência no sítio de Loulé-Gare a sr.^a D. Genoveva de Brito Grade, esposa do nosso prezado assinante sr. Francisco dos Santos Grade e mãe do sr. António de Brito Grade, residente no Montijo.

— No passado dia 22 de Dezembro faleceu em casa de sua residência no Parragal a sr.^a D. Maria da Encarnação Ponte Gula, viúva do sr. José Rita e mãe dos srs. João Rita, proprietário naquele sítio do nosso concelho, Balbino da Luz Rita e Manuel Rita, ausentes na Argentina.

A extinta contava 98 anos de idade.

— Faleceu há dias nesta vila, com 55 anos de idade, o sr. Joaquim Sebastião Junior, comerciante nesta vila e irmão da sr.^a D. Conceição do Rosário Sebastião Gonçalves, também comerciante, D. Rosária Sebastião e D. Maria do Rosário Sebastião e do sr. Manuel Sebastião Correia e cunhado do nosso prezado assinante sr. Joaquim Rodrigues Gonçalves, copista notarial nesta vila.

As famílias enlutadas endereçam sentidas condolências.

As actividades da J.O.C.F.

A exemplo do que vem fazendo de há alguns anos a esta parte, promoveu a secção da J. O. C. F. de Loulé, a distribuição, pelas suas filiadas, mais necessitadas, de 22 blusas feitas com restos de lãs oferecidos por generosas senhoras e pacientemente aproveitados pelas filiadas da J. O. C. F., que assim confeccionaram vistosas blusas.

A J. O. C. F. agradece a valiosa colaboração das senhoras que ofereceram as lãs e conta com a mesma generosidade durante o ano corrente.

LOULÉ valoriza-se!

Mais um SALÃO DE BILHARES!

Mais uma SALA DE ESTAR!

Já visitou o novo estabelecimento

na Rua Padre António Vieira?

POIS ENTÃO FAÇA-O!

E verificará que não perde o seu tempo e aproveita uma boa ocasião;

De provar do melhor CAFÉ!

De um aprazível recanto para passar a noite!

De magníficos bilhares, incluindo os de tipo americano!

ESMERADO SERVIÇO DE PASTELARIA

Visite o novo estabelecimento **CALCINHA** na Rua Padre António Vieira

O «Dia da Mãe» em Loulé

A sr.^a Tereza Viegas Martins, com 6 dos seus 8 filhos, no momento em que acabava de receber do sr. Presidente da Câmara Municipal de Loulé, o prémio instituído pela Obra das Mães pela Educação Nacional para galardoar as famílias pobres, mais numerosas de cada concelho.

Em segundo plano: a sr.^a Dr.^a D. Julia do Nascimento Costa, o sr. José João Ascensão Pablos e o Rev. Padre João Coelho Cabanita, a quem foi confiada a entrega do prémio ao casal de Loulé: José Mendes Santa Catarina e Tereza Viegas Martins.



Acidente ferroviário

(Continuação da 1.ª página)

não ultrapassava Tunes e apesar de o signatário instar para que se prevenisse este importante entroncamento, para aí se tomarem providências, lá se chegou às 8 e meia de 24 (12 horas depois da partida do Barreiro) sem suficientes vagas, na automotora de Faro de onde os excedentes foram ameaçados de expulsão.

Os passageiros, já vencidos pelos sucessivos incómodos, foram aconselhados a voltar para o «especial», que prolongaria o seu itinerário, para, afinal voltarem a sair dele e, num 3.º transbordo, tomarem lugar no correio... que, também atrasado, chegou uma hora depois.

O passageiro não mereceu à C. P. a menor preocupação nem sequer a gentileza de uns bons dias por parte de 2 engenheiros ou inspectores que atravessavam a sala de espera da estação de Bairo, apinhada de gente, impacientes de importância, para... assistirem ao carrilamento do vagon que o embate fizera sair das rails.

Esperou-se desde as 23 e 15 até às 5 horas que, com um macaco pré-histórico, o pessoal da C. P. carrilasse o vagon para desimpedir a linha, só porque um capricho da administração da Companhia desequilibrava, há tempos, de carriladeiras todas as máquinas, carriladeiras cuja utilização reduziria o trabalho a minutos.

E nem da Funcheira, nem de Ermidas, nem do Pinhal Novo se desistiu porque a C. P. exerce represálias quanto ao transporte de jornais que a critiquem.

Não sabemos se é verdade e se o não for que nos desculpem os maus juízos que tal informação nos suscitou. No entanto houve um verpetino que noticiou... não ter havido choque de comboios! Devia ter sido o vento que fez descarrilar o vagon do comboio de mercadorias e foi, certamente, o ter-se «encolhido» a automotora para não chocar que a cabine respectiva foi destruída e o mecânico se feriu.

J. R.

50 anos de tradição afirmam a graça e a distinção do Carnaval de Loulé.

1.º Salão Corporativo

DE ARTE FOTOGRAFICA

Está aberta a inscrição de concorrentes amadores, amadores qualificados e profissionais, para aquele brilhante certame que a F. N. A. T. organiza e para o qual institui valiosos prémios em dinheiro, taças, medalhas ou placas e menções honrosas.

O regulamento pode ser solicitado àquele organismo, Calçada de Santana, 180 — Lisboa.

Uma excursão

à Serra do Algarve

Iniciamos hoje a publicação de páginas vividas num interessante passeio de estudo e recreação de um louletano que, pelo amor à sua e nossa terra, consideramos de primeira água.

Um estilo muito seu, de um poder descritivo que empolga e sobre tudo pela intensidade do amor com que viveu as pequenas coisas da gente humilde de um algarvio, o nosso querido amigo e velho condiscípulo Dr. Manuel Viegas Guerreiro, honra as páginas do nosso jornal com o mimoso trabalho que se segue.

Vai fazer dois anos que tínhamos em nosso poder o original e que nos perdê o Dr. Manuel Viegas Guerreiro o atraso originado pelo seu extravio temporário. Apesar disso, não perdeu, contudo, nem o sabor nem a utilidade.

Itinerário: Corcitos ~ Cabaça ~ Barrigões ~ Sarnadinha ~ Montinho ~ Corte Fidalgo ~ Sítio das Eguas ~ Sobreira ~ Monte do Algodouro ~ Ameixeirinha ~ Corcitos.

Beira-Serra do Algarve, Corcitos, Sábado, 29 de Agosto de 1956

Céu de cinza claro-escuro. Cintilação tênue de estrelas a morrer na alvura da manhã. O almocreve assenta sobre a albarda do velho macho ruço o alforge garrido de borlas com o viático da caminhada. Abalámos ainda sem sol, no seio do ar fresco do amanhecer, em direcção ao norte. A pouco mais de um quilómetro atravessámos a pé enxuto a Ribeira da Salgada. O Areneiro, solão de areias vermelhas, orde a custo medram as árvores do campo algarvio, fica para trás. Transposta a estrada que leva de S. Lázaro ao Barranco do Velho metemo-nos pelo lado nascente do vale do Rio Seco. Seco

como a Ribeira da Salgada e outras que nascem na Serra.

A alfarrobeira, volumosa, possante e muito verde infiltra-se pelos córregos, anunciando a presença do Algarve típico em terras da montanha.

A direita, a subida íngreme da serra. Os caminhos amplos já lá vão; começam os trilhos. O sobrel das umbrias não move uma folha. Nem homens, nem aves, nenhum indicio de vida animal. Um silêncio absoluto de sonho e de mistério. Quase me parece sacrilégio misturar palavras ao divino sossego da Natureza.

O meu guia, o Joaquim Boicinha, dos Corcitos, parente por afinidade, embora seja homem inteligente e vivo e amigo de falar, como bom algarvio, respeitava o religioso emudecimento em que me absorvo por algum tempo.

Ambos a pé, um ou outro a cavalo, e nunca o macho às costas, como o burro da fábula, que a estes sítios ermos não chegam as vozes do mundo...

Do cimo de uma alta colina avistamos quase toda a serra braba do Algarve. Barrancos muito fundos, vales caindo em vales, manchas escuras de mato, terras nuas de lavoura, rebanhos apascentando-se nas encostas e ao largo e ao perto os cumes boleados dos montes. E em todo este horizonte vasto e oco, soltando-se como hálito da terra, uma neblina violácea e azul, transparente e doce e macia sob um céu prodigiosamente luminoso.

Serra braba, lhe chamam, para a distinguir da serra chã, que se lhe segue, para o norte, menos pincir e mais andaimosa, isto é, de pendor mais suave. Braba para as gentes que não conhecem outra braveza e têm diante de si dois tipos distintos de relevo.

(CONTINUA)

x-x-x-x-x-x-x-x-x-x

Novos estabelecimentos

Desejamos aos seus proprietários as maiores prosperidades e muito negócio.

Abriu há dias nesta vila um novo estabelecimento de artigos para criança, cujo aspecto decorativo interior alia a simplicidade ao bom gosto, o que muito contribui para valorização da zona da Praça da República onde se situa, pois o próprio artigo a que se dedica presta-se para firmas exposições.

São brinquedos, artigos de novidade para crianças, retrosaria e mimosas confeções, que inclui enxovais para bebé.

E sua proprietária a sr.^a D. Irene Urano Marum a quem endereçamos as nossas felicitações e votos de prospero negócio.

A SORTE

TAMBÉM O PODE FAVORECER desde que saiba escolher onde fazer as suas compras

O Agente PHILLIPS em Loulé

acaba de brindar a sua cliente, Sr.^a D. MARIA MANUELA VAIRINHOS, residente na Rua Diogo Lobo Pereira, 17, em LOULÉ, com um lindo e valioso aparelho de TELEVISÃO

V. Ex.^a também terá vantagens, se preferir a casa

José Guerreiro Martins Ramos

Rua de Portugal, 31 — LOULÉ

para as suas compras de: RÁDIOS, FRIGORÍFICOS, TELEVISORES, ASPIRADORES, APARELHOS DE UTILIDADE DOMÉSTICA, etc., etc.

NÃO TENHA PREOCUPAÇÕES

com as «toilets» de SEUS FILHOS

A CASA BAMBI

ajudá-la a resolver os seus problemas de vestuário para crianças

Para as suas compras prefira a

CASA BAMBI

de IRENE URBANO MARUM

Um novo estabelecimento ao serviço da criança

Que acaba de ser inaugurado na

Praça da República, 94 — LOULÉ

